

Quadro I — O arcabouço básico da rede teórica.

a) <i>Definição conceitual:</i> (O que são Relações Públicas?)	Como <i>ciência</i> , Relações Públicas abarca o conhecimento científico que explica, prevê e controla o exercício de poder no sistema organização-públicos. Como <i>atividade</i> , Relações Públicas é o exercício da administração da função (subsistema) política organizacional, enfiado através do processo de comunicação da organização com seus públicos.
b) <i>Definição operacional:</i> (como se exerce esta atividade?)	a) analisando tendências; b) prevenindo conseqüências; c) assessorando o poder de decisão; d) implementando programas planejados de comunicação.
c) <i>Objetos da ciência e da atividade:</i> (Cientificamente, quais são seus objetos de estudo e manejo?)	<i>Material:</i> A organização e os públicos. <i>Formal:</i> O conflito no sistema organização-públicos, ou dialeticamente, a compreensão mútua.
d) <i>Causa da existência da atividade:</i> (Por que esta atividade foi identificada e considerada útil pela sociedade?)	O conflito é iminente no sistema social organização-públicos.
e) <i>Níveis do problema no sistema organização-públicos:</i> (Qual é a “sintomatologia”?)	Um processo que vai desde a integração dos interesses até a convulsão social.
f) <i>O aspecto político:</i> (Por que política e não comunicação?)	A relação é política. O instrumento é a comunicação. Dois lados da mesma moeda.
g) <i>A matéria-prima:</i> (Qual o elemento que gera, evita e resolve conflitos?)	A informação.
h) <i>Os instrumentos:</i> (Como se busca e envia informação?)	Antes de tudo, através de políticas e normas administrativas justas e produto e serviço com qualidade. Depois, através de todo e qualquer meio, existente ou a ser criado que leve mensagens da organização aos públicos e vice-versa.
i) <i>O objetivo:</i> (A que visam a função e a atividade?)	Legitimar as decisões organizacionais.
j) <i>A finalidade:</i> (Para que legitimar?)	Facilitar as transações com os diversos públicos, além dos clientes, e mantê-los fiéis e multiplicadores.
k) <i>A ética:</i> (É ética a atividade de Relações Públicas?)	A atividade de Relações Públicas em si é ética, pois é útil para a sociedade. Os problemas éticos são gerados pelos profissionais como em qualquer outra atividade. Todavia, a essência da ética é intrínseca ao processo de legitimação.
l) <i>A estética:</i> (Qual o benefício para a sociedade?)	As Relações Públicas buscam a utopia de uma sociedade mais harmônica e “elegante”.

Acrescento que este paradigma, mesmo que comprovado mais completo e útil, vem acompanhado, intrinsecamente, do alerta de sua temporalidade. É algo datado, para uma determinada fase do desenvolvimento da ciência das Relações Públicas. Não pode, e tampouco deve, ser cristalizado, O valor de suas proposições, se é que existe, está na probabilidade de gerar o pensamento crítico naqueles que tratam do tema e jamais em sua aceitação e utilização dogmáticas.

Este arcabouço referencial básico terá, a seguir, cada um dos seus itens explicitados. Esta tarefa de aprofundamento da busca do significado e da dinâmica de cada um dos pontos da rede cerca-se de uma preocupação referendada no método hipotético-dedutivo e num processo de seqüência lógica.

O processo de desvelamento tem início com o significado do termo “Relações Públicas” que, apesar de não constar no quadro anterior, é essencial para evitar tropeços na compreensão da rede. Assevera-se este ponto pelo fato de este termo, em si, provocar confusões e equívocos ou, pelo menos, estabelecer dúvidas entre aqueles que o utilizam. Isto ocorre, intrinsecamente, pela razão de que a utilização do mesmo é realizada segundo seu significado na linguagem do senso comum, sem qualquer preocupação de submetê-lo a uma análise crítica.

Capítulo 3

UMA REDE TEÓRICA

“A natureza continua funcionando sem a ajuda das teorias científicas. Do mesmo modo as sociedades pré-industriais: crença, opinião e conhecimento especializado mas pré-teoréticos bastam-lhes. Mas um homem moderno não dispensa as teorias científicas a fim de avançar, seja em conhecimento, seja em ação. Suprimam toda teoria científica e a própria possibilidade de progredir ou mesmo de manter boa parte do que foi conseguido desaparecerá. Mas, também: apliquem mal as teorias científicas e a própria humanidade pode chegar a um fim. Nosso futuro depende, pois, de nossas teorias tanto quanto da maneira de aplicá-las.”

Mario Bunge¹

A teoria das Relações Públicas, segundo a ótica da micropolítica proposta, permite apresentar um arcabouço sistêmico, contendo os vários pontos de interligação da rede. A projeção desta visão gestáltica visa destacar os principais pontos que a compõem, caracterizar um roteiro de leitura, além de facilitar a captação e a compreensão da mesma.

O sistema da relação e alguns dos conceitos ou constructos da rede, tais como definição conceitual, objetos da ciência e atividade, causa da existência da atividade, matéria-prima, o aspecto político, o mito e seu papel, o objetivo, a finalidade e a estética são originais e foram por mim construídos ou postos em destaque.

Aceito a crítica de que não está completa ou que o enfoque poderia ser outro. Saliento, todavia, que esta maneira é, certamente, a primeira tentativa de elaborar uma rede teórica a fim de ajudar a compreender e explicar o complexo mundo das Relações Públicas.

1. BUNGE, M. *Teoria e realidade*, cit., p. 9.